

Testemunhos manuscritos da dicionarística bilingue

João Paulo Silvestre (Universidade de Lisboa)

A história da lexicografia portuguesa conta com inventários cada vez mais completos, no que respeita ao património bibliográfico impresso. A digitalização de espécimes e a informatização dos catálogos permitiu referenciar e alcançar títulos que não estavam noticiados, pelo que há hoje uma informação mais esclarecida sobre os autores, as edições e as relações genéticas entre dicionários até ao século XIX. Espera-se que o avanço na catalogação e descrição dos fundos de códices possa, em breve, resultar num conhecimento semelhante acerca dos dicionários manuscritos.

Para esta pesquisa, que incide sobre os manuscritos da dicionarização das línguas modernas, apenas foram considerados os catálogos de três bibliotecas, em que se reúnem os principais testemunhos para a história da edição e produção metalinguística. A Biblioteca Nacional de Lisboa, que inclui fundos de colégios da Companhia de Jesus, os manuscritos da livraria dos Teatinos e incorporações de diversos conventos; o Arquivo Nacional Torre do Tombo, que alberga a livraria da Real Mesa Censória e as cópias de livros que acompanhavam os requerimentos de licença de impressão; por fim, a Biblioteca Pública de Évora, que preserva a colecção de manuscritos reunidos por Fr. Manuel do Cenáculo e um importante núcleo de gramáticas e dicionários das línguas clássicas e modernas. Outras bibliotecas, públicas e privadas, guardam certamente mais testemunhos da lexicografia bilingue.

No fundo medieval e renascentista, pesquisado por Telmo Verdelho, o número reduzido de manuscritos identificados foi justificado com o insuficiente conhecimento do fundo documental, concluindo-se que a actividade pré-lexicográfica existiu, mas os testemunhos estão perdidos (Verdelho, 1995: 375-392). A procura das “origens” é, também no caso dos bilingues português-línguas modernas, o movimento instintivo.

Alguns indícios fidedignos foram-nos transmitidos por memórias bibliográficas. Por exemplo, na *Biblioteca* de Barbosa Machado, lê-se que Fr. Cristóvão da Conceição (†1726), professo do Convento de Cristo em Tomar, escreveu um «Vocabulario Latino, e Portuguez, onde explica os nomes da Pharmacia» (fol.), um «Vocabulario Francez, e Portuguez» (4º) e um «Vocabulario Italiano, e Francez» (4º) (Machado, 1741-1759: 4, 89-90), e que Francisco Xavier de Oliveira (1702-1783) (o Cavaleiro de Oliveira), se encontrava «presentemente» a trabalhar num «Dictionaire Portugais François & Latin» / «François, Portugais & Latin» (2 tomos, 4º) (*ibidem*: 2, 296-297). Estes textos, até hoje desaparecidos, representam trabalhos extensos que são anteriores aos primeiros dicionários de francês e italiano publicados em Portugal, já na segunda metade do século XVIII.

Da pesquisa nas bibliotecas acima referidas, realizada ao longo de 2010, conclui-se que o conjunto de manuscritos dicionarísticos catalogados e descritos não é abundante. Ainda assim,

é possível identificar vários dicionários compostos para uso pessoal e alguns projectos lexicográficos mais extensos ou complexos, destinados à publicação.

Dicionários para uso pessoal. Podem ser de autoria de um único compilador, ou resultar de um trabalho colectivo. Neste caso, as diversas mãos da escrita testemunham o esforço colaborativo de diferentes membros de uma comunidade religiosa, ou a geração seguinte que prossegue um trabalho lexicográfico inacabado. A nomenclatura não é extensiva e abrangente, como nos dicionários impressos, e a técnica lexicográfica é adaptada à selecção da informação mais relevante (terminologias específicas, expressões formulares da escrita ou da interacção oral). Alguns são essencialmente dicionários de dificuldades. Quando estão datados, podem informar-nos sobre que necessidades de ensino e aprendizagem da língua estrangeira não eram satisfeitas pelos dicionários ou manuais existentes à época³³.

Projectos lexicográficos. Estes manuscritos representam dicionários inacabados, mas que foram redigidos tendo em vista a publicação. Além da preciosa informação sobre a técnica e as fontes, estes dicionários são elos perdidos na lexicografia portuguesa, na medida em que adoptam determinados modelos estrangeiros ou fontes informativas disponíveis num momento histórico preciso, e que por isso confrontam a língua portuguesa de uma forma única e irrepetível.

No âmbito deste volume, propõe-se uma breve descrição dos projectos lexicográficos, que podem esclarecer a história da dicionarística bilingue efectivamente impressa. Inclui-se também a notícia de um dicionário latim-português que, apesar de não ter informação sobre as línguas modernas, representa uma tentativa de um trabalho de erudição filológica e enciclopedismo, interrompido cerca de 1750, e que é contrastante em relação a todos os dicionários que viriam a ser publicados nas décadas seguintes, de línguas clássicas ou modernas.

Os manuscritos aqui apresentados serão uma importante fonte de informação lexicológica, mas que só pode ser aproveitada à medida que o estudo dos dicionários bilingues impressos se for desenvolvendo, com a possibilidade de aceder electronicamente ao seu corpus textual. Depois de identificados os hiatos na história dos dicionários bilingues, estes testemunhos demonstrarão o seu valor documental.

1. *Diccionario inglez e portuguez e Vocabulario Frances e Portugues*

Os manuscritos de um *Diccionario inglez e portuguez* (B.N.P., Ms. Caixa 10, nº 5) e de um *Vocabulario Frances e Portugues* (B.N.P., Ms. Caixa 10, nº 6) representam trabalhos incompletos de redacção de dicionários bilingues, suspensos nas primeiras letras do alfabeto.

O dicionário inglês-português é um documento de 122 fólios numerados, que compreende as letras A e B. É uma cópia com poucas correcções e uma configuração próxima de um original de imprensa. O dicionário francês-português é um documento mais fragmentado, que reúne parte das letras A, B e C. Têm o interesse de terem sido ambos redigidos a partir da tradução da mesma fonte, aproveitando as nomenclaturas inglesa e francesa do *Royal Dictionary* (1699) de Abel Boyer.

Se tivessem sido concluídos, deles resultaria a prestigiante entrada da língua portuguesa numa rede intercomunicativa de dicionários que, desde 1699, vinham aproveitando a

³³ Todos os dicionários para uso pessoal identificados na Biblioteca Nacional incidem sobre a língua francesa: *Vocabulário francês e português*, 1 vol., 4º (B.N.L., Cod. 5550); *Vocabulário francês*, 1 vol., 8º (B.N.L., Cod. 6039); *Vocabulário português-francês*, 1 vol., 4º (B.N.L., Cod. 6375).

nomenclatura e a fraseologia que Boyer estabeleceu para a comparação entre o inglês³⁴. O *Royal Dictionary* apresenta uma técnica lexicográfica actualizada, que no confronto entre as duas línguas experimenta uma distinção sistemática e coerente de acepções e casos de homonímia, recorrendo a marcas tipográficas para assinalar as alíneas. A nomenclatura foi submetida ao escrutínio de consultores nativos que validaram também as definições e a interpretação de usos literários (Cormier, 2002).

A boa recepção do dicionário motivou a publicação de uma versão abreviada em 1700 (*The royal dictionary abridged*), com várias impressões clandestinas na Holanda e dezenas de reedições ao longo do século XVIII. Foi uma fonte relevante para lexicógrafos que compuseram dicionários monolíngues, desde John Kersey (*A new English dictionary*, 1702) a Samuel Johnson (*A Dictionary of the English Language*, 1755), ou bilingues, como Louis Chambaud (*Dictionnaire françois & anglois*, 1761) e John Garner (*Le nouveau dictionnaire universel françois-anglois et anglois-françois*, 1802).

Mas foi influente sobretudo no modo como estruturou a nomenclatura e a fraseologia das línguas de entrada, numa série de dicionários que compararam outras línguas modernas com o francês ou o inglês. Assim sucedeu para o flamengo, com Egbert Buys (*A compleat dictionary English and Dutch*, 1766) e para o italiano com o *Dizionario italiano ed inglese* (1727) de Ferdinando Altieri. Os lexicógrafos puderam inscrever a sua língua num modelo lexicográfico e de descrição lexical validado pela aceitação dos utilizadores e pela prática de métodos de aprendizagem de línguas estrangeiras, que se socorriam desses dicionários. Por exemplo, o confronto entre Boyer e o dicionário inglês-italiano de Ferdinando Altieri — professor de italiano na corte inglesa — mostra que, com poucas adaptações e adições, a informação presente nos artigos é em larga medida coincidente (cf. Cowie, 2009: I, 74):

ASUNDER, Adv. *Separément, à part. Ex.* To examine the Witnesses asunder, *Examiner les Témoins séparément.*

Put them asunder, *Mettez-les à part, ou Separez-les.*

Ou bien encore, To take a Thing asunder, *Defaire, demonter une chose.*

ASUNDER, adv. [apart] *separatamente, da banda.*

To put asunder, *mettere a parve o da banda.*

To take any thing asunder, *mettere una cosa in pezzi.*

To examine the witnesses asunder, *esaminare i testimoni separatamente.*

O manuscrito do dicionário inglês-português da Biblioteca Nacional é, pelo menos nesta versão, uma tradução abreviada da nomenclatura e fraseologia originais, sem que se acrescente informação nova ou reelaborada. Da tradução das glosas francesas surgem as definições portuguesas:

To ALLOW, V. A. (To give) *Donner.*

To allow a Servant twenty Pounds a Year, *Donner vingt Livres Sterlin par An à un Domestique.*

You must allow me some Time to do it, *Il faut que vous me donniez du temps pour le faire.*

= The Court has allow'd him six hundred Pounds Damage, *la Cour lui a adjugé six cents Livres Sterlins de Dommages.*

= To allow the Charges

= To allow a Privilege [...]

(*Royal Dictionary*, 1699, s.u.)

³⁴ Boyer, francês huguenote nascido por volta de 1677, refugiou-se com a família na Holanda em 1685, onde seguiu estudos em filosofia, teologia e matemática, e finalmente em Londres a partir de 1689. As obras metalinguísticas que compôs tinham em vista provar a sua competência para o lugar de professor de francês do duque de Gloucester; primeiro a gramática *The compleat french-master* (1694) e em seguida o *Royal dictionary*, que estava já em conclusão quando em 1698 a posição foi atribuída a outro professor.

No dicionário manuscrito:

TO ALLOW, V. A. / To give / Dar

To allow a servant twenty Pounds a Year, Dar vinte libras Esterlinas cada anno a hum creado.

You must allow me some time to do it, He preciso dar-me tempo p.^a o fazer.

The Court has allow'd him six hundred Pounds Damage, A Corte lhe julgou Seiscentas Libras Esterlinas de perdas. (manuscrito)

O artigo de Boyer é bem mais extenso e o redactor do manuscrito apenas transcreve a parte inicial, não recuperando outras onze acepções assinaladas para “To Allow”, bem como os respectivos exemplos. Se nos artigos mais longos o manuscrito regista a informação sobre as principais acepções, parece não haver uma avaliação da pertinência da restante informação, ou um esforço de síntese.

Em contrapartida, a cópia sistemática da nomenclatura obrigou a traduções e definições incomuns na tradição dos dicionários portugueses, que não se obteriam pela tradução para inglês de uma nomenclatura portuguesa ou francesa:

ALMANACK, s. Folhinha, ou Reportorio.

ALMANDINE, s. Pedra preciosa, que he huã especie de Rubim.

ALMES, v. Alms.

ALMIGHTINESS, s. Todapoderosa.

Almightly, Adj. Todo poderoso.

ALMOND, s. Amendoa, fruto.

The Almond of the Ear, os emunctorios do miolo;

The Almonds of the Throat, as Amigdalas, ou glandulas pequenas na entrada da garganta.

Almond-tree, Amendoeira, arvore que produs amendoas.

O redactor do manuscrito traduziu a parte inglês-francês do dicionário, mas recorreu também à primeira parte, completando as definições com esclarecimentos do dicionário francês-inglês. Por exemplo, o artigo ANFRACTUOUS do manuscrito recupera expressões dos artigos ANFRACTUOUS (ing.) e ANFRACTUEUX (fr.):

ANFRACTUOUS, Adj. / a Philosophical term: That has many turning, or Ups and Downs / Termo Philosophico, significa huã couza quebrada ao redor.

ANFRACTUOUS, Adj. (a Philosophical Term: That has many Turnings, or Ups and Downs) *Anfractuons.*

ANFRACTUEUX, ou Anfracteux, se *adj.* (terme dogmatique, qui a divers détours irréguliers.) *Anfractuons.* (*Royal Dictionary*, 1699, s.u.)

A partir de to APPEND (fol. 46v.) até AS WELL AS (72r.) a redacção dos apresenta a entrada em inglês, a definição em português e a transcrição da glosa francesa de Boyer. Nestes cadernos a informação francesa está cancelada com um traço, o que sugere que os primeiros cadernos do códice sejam uma cópia de uma versão anterior. Não há indícios que esclareçam se o plano do lexicógrafo era compor à partida um dicionário trilingue, ou se este é apenas um testemunho da fase intermédia da redacção.

ASUNDER, Adv. Separadamente, Separément, à part

Ex. To Examine the witnesses asunder, examinar as testemunhas separadamente. Examiner les temoins séparément.

Put them assunder, Ponde-as de parte, ou separai humas das outras. Mettez-les à part, ou separet-les.

ou tambem: To take a thing asunder, Desfazer, ou desmanchar huma couza. Desfaire, ou Demonter une chose.

O manuscrito do dicionário francês-português tem uma indicação de data no canto superior esquerdo do primeiro fólio, com letra da mesma mão que a do texto dicionarístico. «Novb° 1772» pode ser a data de início da cópia, ou de conclusão de um conjunto de que só é possível localizar os primeiros cadernos.

A nomenclatura segue a do dicionário francês-inglês de Boyer, com necessárias modificações no texto das glosas, uma vez que a disponibilidade lexical da língua portuguesa parece não conseguir acompanhar as correspondências do original. Assim, para as palavras derivadas de “cabala”, o manuscrito regista as seguintes definições:

- Cabaler - Formar practicas, e conferencias occultas.
- Cabaleur - O que forma, ou ajunta as pessoas p essa conferencia.
- Cabaliste - O que sabe bem formar as cabalas.
- Cabalistique - Cabalístico, que pertence a cabala.

Para as mesmas entradas, Boyer apresenta as traduções inglesas “to cabal”, “a cabaler”, “a cabalist”, “cabalistic”, se bem que com o auxílio de glosas francesas que esclarecem o significado (por exemplo, “Cabaler, *Verb. Neut.* (tramer des pratiques secretes,) *to cabal.*”).

Tal como se referiu a propósito da redacção do dicionário de inglês, da repetição da nomenclatura resulta um dicionário com um elevado número de entradas e comparável a outros dicionários bilingues em uso pela Europa, mas neste caso com glosas sucintas que o aproximariam do modelo de dicionário prático e portátil de Pedegache Brandão Ivo, publicado em 1769.

- Cabaret - Lugar em que se vende vinho por meudo. Taverna e meza para tomar Xá, Caffé &c.
- Cabaretier - Taverneiro, ou que loge de bebidas.
- Cabretiere - Taverneira, ou mulher que tem loge de bebidas.
- ([Ivo] *Dictionnaire François, et Portugais*, 1769, s.u.)

- CABARET, S.M. (lieu où on vend du vin en detail,) *a Tavern, a House os Entertainment.*
- Cabaret à bière, *an Ale House.*
- Cabaret à cidre, *a Cyder House.*
- Cabaret, (table a prendre du thé, du caffé, &c.) *Tea Table, Tea Equipage.*
- Cabaret, (petite plante,) *Asarabacea.*
- Cabaretier, S.M. (qui tient un cabaret à vin,) *a Tavern Man, one that keeps a Tavern.*
- Cabaretier, S.M. (qui tient un cabaret à bière,) *an Alehouse-Keeper.*
- Cabretiere, S.F. maitresse d’aun cabaret à vin,) *a Tavern Woman.*
- Cabretiere, (d’un cabaret à biere,) *An Alehouse-Woman.*
- (*Royal Dictionary*, 1699, s.u.)

Este dicionário abreviado mantém na nomenclatura alguns termos de uso restrito, que nem ocorrem no *Nouveau Dictionnaire des Langues Française, et Portugaise* (1758) de José Marques, como “Cacozele - Termo de rhetorica; affectação vicioza no discurso” (retomado de Boyer, «CACOZELE, S.M. (terme de rhetorique; vicieuse affectation dans le discours) *an ill Affectation.*»).

2. *Diccionario de nomes portuguezes e italianos dispostos por materias*

O teatino Luís Caetano de Lima (1671-1757) deixou uma vasta obra manuscrita que abrange os domínios da história, ciências, geografia, direito canónico e medicina. Os catálogos electrónicos da Biblioteca Nacional de Portugal chamam a atenção para um conjunto de manuscritos de traduções de tratados de médicos franceses, italianos e ingleses (cf. os códices

2048, 2053, 2054 e 2055). Na diversidade de matérias destacam-se os seguintes manuscritos de trabalhos metalinguísticos:

Latina vocabula, locutionesque minus usitatae lusitanicè explicatae: Cum de latini sermonis utilitate ac praestantia dissertatione, 1729 (B.N.P., Cod. 3126).

Lusitanicae loquutiones latinè explicatae alphabetico ordine et Cardin. Petr. Bembi et Jacobi Sadoleti verbis expressae, 1729 (B.N.P., Cod. 3129).

Diccionario Latino e Portuguez (B.N.P., Cod. 3348).

Diccionario Portuguez e Latino das palavras e frazes portuguezas mais necessarias e de melhor uso explicadas na mais pura latinidade e com exemplos dos melhores autores (B.N.P., Cod. 3120-3124).

Vocabulario de Synonimos e Equivalentes (B.N.P., Cod. 3137-3138).

Vocabulario nautico da lingua e frazes portuguezas (B.N.P., Cod. 3138).

Na Biblioteca Pública de Évora conserva-se um manuscrito de uma gramática italiana (B.P.E. CXIII 1-34 e 35), assim descrito no catálogo de Cunha Rivara:

«Grammatica italiana e arte de aprender a lingua italiana por meio da lingua portugueza. é de D. Luiz Caetano de Lima, clérigo regular, e foi impressa em Lisboa na officina da congregação do Oratorio, 1734» (Rivara, 1869, vol. II: 11).

O manuscrito está datado de Lisboa, 8 de Setembro de 1726. É uma cópia que coincide parcialmente com o texto impresso da *Grammatica Italiana, e arte para aprender a lingua Italiana por meyo da lingua Portugueza* (Lisboa, 1734). O manuscrito termina no dicionário intitulado «De alguns Nomes, e Verbos, que encerrão alguma difficuldade mais particular». Ou seja, o códice de Évora ainda não tem o segundo dicionário que surgirá na versão impressa, que é o «Compendio de varios nomes propios, e termos particulares de Artes e Ciencias», acima referido. Se em 1726, de acordo com o testemunho do manuscrito, Caetano de Lima dava a gramática italiana por concluída, é legítimo supor que ambos os dicionários temáticos tenham sido pensados e redigidos após essa data, hipótese que explicaria o paralelismo na estrutura e no tipo de nomenclatura³⁵.

A história da redacção das gramáticas pode ser esclarecida por outro manuscrito existente na mesma biblioteca, o *Diccionario de nomes portuguezes e italianos dispostos por materias* (B.P.E. CXIII-1-33). É um volume in-4º, constituído por 12 cadernos de 24 páginas, e que reúne apontamentos para o «Compendio de varios nomes propios, e termos particulares de Artes e Ciencias» da gramática italiana. O manuscrito regista as listas de palavras que surgem na gramática impressa, bem como outras listas que não chegaram a ser publicadas, ou concluídas. Comparando as duas versões, conclui-se que no manuscrito o número de entradas é maior. Há frequentemente casos de falta de correspondência, ora com entradas sem tradução, ora com listas de palavras italianas sem a respectiva entrada. Podemos excluir a possibilidade de se tratar de uma cópia da gramática editada, com acrescentos posteriores: é a mesma letra do códice da gramática e há problemas de tradução (hipóteses ou lacunas) que são resolvidos no impresso.

Neste estágio intermédio da redacção percebe-se o método de Caetano de Lima. Trabalharia com diversos pequenos cadernos de apontamentos, intervalando espaços para o alargamento. Estando o trabalho avançado, foram encadernados num tomo, colocando em primeiro lugar os mais completos e em seguida aqueles para os quais tinha menos informação, deixando cadernos em branco entre eles. Assim organizado, podia ir acrescentando progres-

³⁵ Para uma análise mais detalhada deste manuscrito, cf. Silvestre, J., “A técnica lexicográfica das gramáticas de Caetano de Lima: testemunhos manuscritos”, in Rolf Kemmler, Barbara Schäfer-Prieß, Roger Schöntag (Hrsg.), *Portugiesische Sprachgeschichte und Sprachwissenschaftsgeschichte*. Tübingen, Calepinus Verlag (em publicação).

sivamente novos dados. A extensão do material inédito indica que Caetano de Lima planeou um dicionário bem mais amplo.

De fora ficaram listas incompletas de listas de domínios tão específicos como «varias especies de grão», «cocheiras e suas pertenças» ou «casa de sellas e de Arreyos». Algumas listas introduzem interferências de palavras de outras classes gramaticais. No tema «copa e suas pertenças», inclui verbos relacionados com o uso dos utensílios e atividades da cozinha. Há também listas de adjetivos que se relacionam com listas de substantivos (para o tema 'virtudes dos homens', por exemplo, existe a lista de adjetivos correspondentes, intitulada 'homem com virtudes').

Estas recolhas lexicais inéditas também não aparecem na gramática francesa impressa, mas poderiam ter existido numa versão preliminar. Além da informação sobre a técnica lexicográfica, o confronto entre o texto impresso e o manuscrito é linguisticamente relevante, pois dá testemunho de problemas de tradução experimentados pelo autor. Caetano de Lima trabalhou com duas nomenclaturas: uma portuguesa (inspirada em listas existentes em dicionários temáticos, ou baseada na descrição empírica dos diversos domínios), e uma italiana, em parte recolhida em dicionários italianos, e que nem sempre consegue traduzir para português.

A semelhança de outros manuscritos de obras inéditas ou inacabadas, também estes apontamentos de Caetano de Lima justificam um estudo que os integre na ampla produção metalinguística do teatino, que inclui a lexicografia do português e do latim, a ortografia, a gramaticografia e a tradução de terminologias.

4. Glossário ou Vocabulario de palavras, e frases afrancesadas, ou estranhas, introduzidas na Lingoa Portuguesa

O *Glossário ou Vocabulario de palavras, e frases afrancesadas, ou estranhas, introduzidas na Lingoa Portuguesa* (B.N.P., Mss. cx. 198, nº1) é um manuscrito anónimo, completo, com 42 páginas. Um manuscrito com o mesmo título foi enviado para a Academia Real das Ciências em 1816: «O Reverendo Sñr. Padre João Faustino offereceo da parte de hum Anonymo hum Glossario de palavras, e frases afrancezadas, ou estranhas, que se tem introduzido na lingua Portugueza» (Academia, 1817: XXIII-XXIV).

A julgar pela coincidência de títulos e matérias, o manuscrito deverá ser anterior à versão recebida pelos Académicos. Já apresenta poucas emendas e uma correcta ordenação alfabética da nomenclatura, a que o autor acrescentou uma nota final que explica a abrangência do glossário:

Verbos novos inumeraveis, que os tradutores vulgares forjaõ da sua cabeça, dando lhe som.^{te} hum ar aportuguezado.

Frases novas, ou alhêas, termos trocados, syntaxe avêssa: e nūma palavra hum geral transtorno.

Donde procede huã inteira, e total corruçaõ da lingoa pura, que nossos Paes falaão, eque tanto nos honrava; e cuja pureza deve restaurar a Real Academia.

Este contributo é posterior à publicação, precisamente em 1816, do *Glossario das Palavras e Frases da Lingua Franca, que por descuido, ignorancia, ou necessidade se tem introduzido na locução Portugueza moderna* de Francisco de S. Luís (Cardeal Saraiva), um estudo que tinha sido inscrito em 1810 no plano de trabalhos da Academia.

Pretendia-se um documento com orientações prescritivas para restaurar a pureza da língua, indicando as palavras a suprimir do uso, mas Francisco de S. Luís propõe uma análise ponderada, que admite a introdução de palavras de origem francesa:

«O juízo que fazemos sobre cada palavra ou frase, a respeito de se poder, ou não, adoptar na nossa língua, não o declaramos sem algum receio de errar; por quão difficil nos parece conciliar neste ponto os diversos gostos dos leitores, e ainda as varias opiniões dos eruditos, em geral tivemos sempre diante dos olhos esta regra “Que sendo o vocábulo ou expressão de boa origem, derivado conforme a analogia, e ao mesmo tempo expressivo, e harmónico, se podia adoptar e trazer á nossa língua, ainda quando nesta houvesse algum synonymo, que exprimisse o mesmo conceito”: porque estamos persuadidos, que convém a qualquer idioma ter não só vocábulos correspondentes a cada idéa, mas ainda variedade delles com o mesmo significado; para que o douto e avisado Escriitor possa escolher a seu arbitrio, segundo a natureza e qualidades da sua composição [...]» (Francisco de S. Luís, 1816: 2-3)

O manuscrito anónimo aponta inequivocamente as palavras ou expressões de que, segundo o autor, resulta a corrupção da língua. Reúne cerca de 600 glosas, em que a entrada é a palavra ou frase afrancesada, seguida das palavras portuguesas que devem ser empregues para a evitar. Nos exemplos de antigo e bom uso há quase sempre mais que uma hipótese, provando a abundância e possibilidades expressivas do vernáculo. Alguns exemplos:

Garante, Fiador, e Mediador, conciliador.
 Fecundidade de terreno, fertilidade.
 País, por terra, sítio, terreno. v.
 Pensar, cuidar, lembrar-se, considerar, idear (verbos que não se devê perder).
 Pôr em cerco as Cidades, pôr cerco ás Cidades.
 Por huma outra porta, por diferentes portas.
 Por isso que, por que, por quanto.
 Porq' he q' eu soffro? porq' soffro eu?
 Pôrse a cuberto, defenderse, livrarse, escapar.
 Porco . . . cavando a terra, fossando.
 Possessão, por herdade, fazenda &c.
 Praderias, prados, relva.
 Realizar, pôr em pratica, executar.
 Recear de enganarse.
 Receando o Senado de q' &c.
 Recebeo tropa de fresco, de refresco, de novo.
 Reentrar, entrar de novo, ou outra vez.
 Relação, (esta palavra taõbem tem uso novo, especialmente no plural)
 Resursa, remedio, recurso, sahida, ou exito, subterfugio, meio proprio.
 Romper os muros, por arrombar, deitar a terra, abrir brecha nos muros.
 Vistas, em lugar de olhos.
 Voz, q se faz ouvir, voz capaz de se ouvir.

Não se encontram nesta lista hesitações ou palavras admissíveis, enquanto o *Glossário* de S. Luís aceita justamente o uso de muitas palavras de origem francesa com introdução recente na história da língua, como é o caso de “pensar”, no sentido que o autor do manuscrito fazia substituir por “cuidar”, “lembrar-se”, “considerar”, “idear”, acrescentando que são «verbos que não se devem perder».

O repúdio do estrangeirismo e a percepção do que nesse conceito se pode incluir são por isso muito mais abrangentes, recusando algumas expressões que S. Luís nem contempla (“romper os muros”, por exemplo). Considerando que nunca se referem documentos das fontes literárias ou gramaticais, o autor parece validar com a própria competência linguística os limites do que pode ser considerado “afrancesado”.

5. *Lexicon em quatro linguas ... para saber com facilidade os nomes dos vegetaes*

O manuscrito B.N.P. Cod. 11510 é um dicionário de botânica plurilingue, destinado a médicos e farmacêuticos, composto por José Manuel Chaves (c.1746–c.1811). O autor formou-se em medicina em 1774, em Coimbra, e exerceu em Condeixa e Grândola. Inocêncio Silva dá conta de algumas publicações poéticas medíocres e de trabalhos no domínio da medicina (1858-1923: V, 7-9). Entre estes, importa referir a tradução, a partir do francês, do manual *Elementos de medicina pratica* de William Cullen, em 7 volumes (Lisboa, Na Typografia Nunesiana, 1790-1792). No frontispício do manuscrito lê-se:

Lexicon em quatro linguas, portugues, ingles, frances, latim, muito necessario aos medicos, chirurgicos e farmaceuticos, para saber com facilidade os nomes dos vegetaes, etc. etc. por Joseph Manoel Chaves, médico pensionista de Condeixa.

Lexique in trois Langues, Française, Portugaise, et Latine tres-necessaire aux Medecins, Chirurgiens, et Apoticaire pour scavoir avec facilité Les noms des vegetaux; qui pour l'avantage de la Pratique donne au public. Joseph Manoel Chaves. Medecin pensionée de Condeixa.

O autor confronta as línguas organizando o dicionário em quatro partes, que correspondem às diferentes línguas de entrada. A primeira parte, português-francês-latim-inglês, tem 82 pp. e cerca de mil entradas. A segunda parte, francês-português-latim, é de extensão semelhante (80 pp.) e as restantes são consideravelmente menores: a parte latim-francês-português tem 77 pp. e a última, inglês-português- francês-latim, tem 33 pp.

Este manuscrito parece ser uma cópia de versões anteriores. A escrita é bem legível, apresenta poucas emendas e uma ordenação alfabética correcta. A nomenclatura da parte portuguesa é a mais extensa, indexando cada um dos vários nomes vulgares que designam uma mesma planta, com remissões para uma entrada unificadora.

Comparando as nomenclaturas, é evidente uma maior interdependência entre o português e o francês, com uma aproximação de soluções ortográficas que resultam na fixação de formas de entrada iguais para ambas as línguas. A parte inglesa funciona como um índice remissivo, que geralmente remete para a entrada da parte portuguesa.

Alguns exemplos demonstram que os principais objetivos são garantir a tradução francesa e explicitar a classificação de Lineu. Em ACHANAEA observa-se que a convergência de formas entre português e francês parece tornar desnecessária a tradução:

(P) Achanaea, P. Planta da India, decujo fruto usaõ os Indios para o tratamento do galico.

(F) Achanaea F. Planta da India, decujo fruto usam os Indios para tratar o gallico.

(I) [inexistente]

No caso de melancia, o artigo de entrada em português aponta três equivalentes em francês. Nos respectivos artigos de entrada em francês, desconsidera-se a relação com o inglês.

(P) Melancia P. Citrouille, melon d'eau, pepon, F. Anguria, citrulus, melopepo, L. Citruls. I.

(F) Citrouille, melon d'eau, pepon. F. Melancia, P. Anguria, Citrulus, melopepo, L.

(F) Pepon, v. citrouille.

Estes são indícios de que o autor trabalhou com fontes da lexicografia francesa que privilegiavam a relação com as classificações latinas, e em que a informação sobre o inglês era também muito sucinta.

Os frontispícios indicam que este trabalho se destinava à publicação, mas não é certo que este manuscrito represente a sua versão final. Não existem paratextos e há opções de técnica lexicográfica que carecem de explicitação, como a identidade de formas portuguesas e francesas.

6. *Diccionario abreviado portuguez e latino, do eruditissimo Padre. D. Rafael Bluteau; Diccionario Castellano y Portuguez*

Fosse pela iteração da *Prosódia* e do *Tesouro* nos colégios jesuítas, ou pela a tradução de manuais estrangeiros promovida pela reforma pombalina, nunca houve condições para publicar uma nova versão, abreviada ou ampliada do *Vocabulário* de Bluteau. Era um dicionário essencial na mesa do erudito de meados do século XVIII, mas cada vez mais raro e difícil de adquirir com a passagem dos anos. As críticas que Verney faz ao dicionário em 1746 condensam um plano de revisão que valorizaria esse património lexical e literário, transformando-o num dicionário de referência para a língua portuguesa moderna, no sentido de estabelecer uma norma ortográfica, eliminar palavras antigas, seleccionar criteriosamente os exemplos literários e diminuir a informação latina e enciclopédica (Verney, 1746: I, 56-58). Os dois trabalhos lexicográficos que retomam o texto de Bluteau alteram-no profundamente. Carlos Folqman abrevia-o sob a forma de um *Diccionario portuguez e latino* (1755) compacto, com supressão de artigos, reorganização da informação semântica e selecção das traduções. António Morais Silva actualiza criticamente a nomenclatura e reescreve os artigos, aproveitando o melhor das definições e citações de Bluteau para redigir o primeiro dicionário monolíngue do português (1789).

A estas reformulações deve acrescentar-se o conjunto de dicionários manuscritos que se conservam na Torre do Tombo, redigidos por Frei João de S. Pedro (n. 1692-?). O autor foi monge da Ordem de S. Jerónimo e prior de vários conventos de Lisboa. Inocêncio Silva não indica a data da sua morte (Silva, 1858-1923: IV, 6), mas estaria vivo à data da publicação da *Bibliotheca Lusitana*. Diz Barbosa, “He Qualificador do Santo Officio, Consultor da Bulla da Cruzada, e Examinador das Tres Ordens Militares” (1741-1759: II, 718).

Publicou em nome próprio diversos sermões e biografias hagiográficas, reservando o nome de Damião de Froes Perim para todos os outros textos, nomeadamente traduções de textos de carácter religioso e o *Theatro Heroico, Abecedario Historico, e Cathalogo das mulheres Illustres* (1736, 1740). Além de criticar a insuficiente documentação histórica, Inocêncio sentencia que as suas obras «não merecem consideração especial», com «vícios do estylo que reinava na epocha» e linguagem «assás desprimorada pelas frequentes impropriedades dos termos empregados» (Silva, 1858-1923: IV, 6). Talvez por isso manifeste reservas quanto à autoria de duas publicações que saíram em seu nome (*Compendio dos principais preceitos da construção metrica... para instrução da mocidade*, 1801 e *Instrução breve das obrigações do christão*, 1787), mas que se podem inscrever na série de obras didácticas e lexicográficas que o autor deixou manuscritas, e de que Inocêncio não parece ter conhecimento:

Methodo Fácil e Breve para se aprender a Lingoa Latina ordenado por Damiam de Froes Perim com os principais preceitos para formar hum perfeito Grammatico, Orador e Poeta. 45 fls. (A.N.T.T., R. M. C. n° 4131)

Diccionario Latino, e Portuguez de Nomes de Regioens, Reynos, Provincias, Cidades, Villas, Lugares, Povos e Rios do Mundo. Ordenado por Damiao de Froes Perim. 79 fls. (A.N.T.T., R. M. C. n° 4101)

Lições Academicas varias, e instructivas sobre varios assumptos e recitados na Academia dos Generosos pelo beruditissimo Padre. D.D. Rafael Bluteau. 49 fls. (A.N.T.T., R.M.C. n° 4170)

Diccionario abreviado portuguez e latino, do eruditissimo Padre. D. Rafael Bluteau, Clerigo Regular da Divina Providência. Ordenado por Damião de Froes Perim para instrução da mocidade portuguesa. 4 volumes. (A.N.T.T., Manuscritos da Livraria, n°s 1859-1860-2092-2093).

Diccionario Castellano y Portuguez Para facilitar a los curiosos la noticia de la Lengua Latina, con el uso del Diccionario Portuguez, y Latino. (A.N.T.T., Manuscritos da Livraria, n°2101)

A obra inédita revela, por um lado, o interesse por manuais e dicionários práticos para o ensino do latim e, por outro, uma adesão encomiástica à obra de Bluteau, procurando

reorganizar e autonomizar trabalhos que haviam surgido inseridos no *Vocabulário* ou nas *Prosas Portuguesas*.

Os manuscritos do *Methodo facil* e do *Diccionario Latino, e Portuguez de Nomes de Regioens* não estão completos. Deste último existe outra versão no Museu Nacional de Arqueologia, adquirido num alfarrabista por Leite de Vasconcelos, em 1909. Foi parcialmente estudado por Justino Mendes de Almeida (1972: 151-163) e trata-se de uma versão mais extensa, com um total de 284 páginas, enquanto o manuscrito da Torre do Tombo apenas tem 158.

O dicionário de topónimos é redigido a partir dos artigos do *Vocabulário*, reordenados pela forma latina, que passa a ser a forma de entrada, com a tradução em português e uma breve glosa.

AAD, ou Aade. Pequeno Rio dos Payzes Baixos, no Brabante. *Aada, ae, Masc.*

Aada, ae. Aad, ou Aade pequeno rio do Pays Bayxo no Brabante.

Deste processo de inversão nem sempre resultam artigos bilingues, porque Fr. João estabelece entradas com os topónimos para os quais Bluteau não encontrara equivalente latino. A nomenclatura está ordenada alfabeticamente, o que representa uma evolução em relação ao *Diccionario Lusitanico-Latino de nomes proprios* de Pedro Poiars (Lisboa, 1667), que ainda organizava as entradas em categorias e localizações geográficas.

O dicionário de castelhano é uma cópia do conjunto de textos e dicionários publicados no tomo VIII do *Vocabulário* (Lisboa, 1721), compreendendo a «Prosopopeia del Idioma Portuguez a su hermana la Lengua Castellana» (pp. 3-15), a «Tabla de Palabras Portuguezas, remotas de la Lengua Castellana» (pp. 15-24) e o «Diccionario Castellano y Portuguez para facilitar a los castellanos el uso del Vocabulario Portuguez, y Latino» (pp. 25-189).

O *Diccionario abreviado portuguez e latino* é o manuscrito mais extenso, com quatro volumes in-4º, em letra miúda. Está completo, e o facto de raramente apresentar algum tipo de correcção indicia que é uma cópia final. A redacção do dicionário não deixaria, em todo o caso, grande margem para hesitações. O objectivo é abreviar o *Vocabulário* para uso escolar, mas mantém-se tão fiel quanto possível ao original, sem acrescentar texto próprio ou procurar sínteses, reproduzindo toda a fraseologia latina sem uma avaliação crítica da sua pertinência. Os artigos são uma servil refundição dos excertos que sobram após eliminar a informação etimológica, as definições enciclopédicas, os adágios e a documentação pormenorizada do léxico português ou latino. Compare-se um artigo do *Vocabulário* e a versão reescrita:

Azeite. Derivase do Arabico *Zait*, que he o mesmo; & parece que tomarão os Arabes esta palavra dos Persas, em cuja lingua *Zait* quer dizer Oliveyra, como consta destas palavras de Ammiano Marcellino, *Projecti exinde Zaitam venimus, locum, qui olea arbor interpretatur. Lib. 23. in Jul. mibi fol. 487.* O Azeite he hum licor gordo, & unctuoso, que se espreme da Azeitona. *Oleum, i. Neut. Cic. Olivum, i. Neut. Plaut. Horat.*

Azeite virgem, o bom azeite. O primeyro azeite, que sahe sem fogo, & sem pizar muyto a azeitona. *Oleum primae notae, ou primae pressurae. Colum. l. 12. cap. I.* Este mesmo Author fallando neste mesmo azeite, diz pouco mais abaxo, no mesmo capitulo. *Longè melioris saporis est, quod minori vi preli, quasi lixivium defluxerit.*

(*Vocabulário*, I, 1712, s.u.)

Azeite. He hum licor gordo, e unctuoso, que se espreme da azeitona. *Oleum, i: Neut. Cic. Olivum, i, Neut. Plaut. Horat.*

Azeite virgem, o bom azeite. *Oleum primae notae, ou primae praessurae. Colum.*

(*Diccionario abreviado*, s.u.)

Na generalidade dos artigos, a informação latina continua extensa e desorganizada do ponto de vista semântico, replicando a acumulação de uma fonte que não pretendia ser um dicionário escolar. A preocupação com a falta de materiais didácticos pensados para o uso dos alunos atravessa este conjunto de manuscritos e é um dos temas principais no prólogo do

Diccionario abreviado: os estudantes devem ter acesso a um dicionário completo, que lhes permita procurar o maior número possível de palavras, e não apenas decorar aquelas que os professores lhes ditam. Não se identificam elementos que permitam a datação, mas as referências à raridade do *Vocabulário* sugerem que tenha sido iniciado na década de 40. Apesar de o prólogo ser um texto com pouca doutrina lexicográfica, o testemunho sobre uma desejada renovação dos métodos de ensino dos jesuítas justifica a sua reprodução aqui:

Naõ pode entrar em duvida, Amigo leitor, que nem antes, nem depois do Vocabulario Portuguez, e Latino do eruditissimo P.^o D. Rafael Bluteau, Clerigo Regular da Divina Providencia, tivesse a Nação Portuguesa Diccionario, que o excedesse, nem o igualasse. Esta grande Obra lhe grangeou huã gloria immortal naõ so entre os Portuguezes; mas entre os Estrangeiros. A sua utilidade he reconhecida por todos; porque as Naçoens estranhas os tem levado e os Portuguezes sentem a sua falta pelo preço a que tem sobido: De sorte, que tendo trabalhado este incançavel sabio para deixar à Nação Portuguesa hum thesouro, em que a mocidade aprendesse a Lingoa Portuguesa, e se instruisse com vantajem na lingoa latina: por falta deste Vocabulario, se tem experimentado o atrasamento nos que se applicaõ ao estudo da lingoa latina. Para remediar taõ grande mal se intentou abreviar este grande Vocabulario, imitando as abelhas que escolhem entre as flores as mais uteis, e cheyrosas para fabricar os favos do seu mel; afimde sahir a luz [...]. Depois de instruidos os Alumnos pelos sabios Mestres nas regras da grammatica latina; entraõ no exercicio de verter as oraçoens Portuguezas em latim e lhe he preciso, por falta de hum bom Diccionario, que os Professores lhes digaõ as palavras latinas correspondentes às que escreveraõ Portuguezas para fazer com as regras da grammatica as traduçoens latinas: este modo de ensinar os atraza muyto; porque o que hoje se lhes diz, naõ lhes lembra a manhaã, e ainda que continuem nestes exercicios, so o largo tempo, como mostra a experiencia, os fara saber a lingoa latina. Tendo porem hum bom Diccionario, como este que se lhes offerece, buscando por si as palavras Portuguezas que os Professores lhes ditaõ nas oraçoens, que aprenderaõ; mas taõ bem pelo decurso do tempo aproveitando-se das muytas, e bellas frases, que em si contem este Diccionario, tiradas dos melhores Auctores Latinos, faraõ muyto eloquentes traduçoens. Neste mesmo Diccionario se ensina a fazer circunloçoens das palavras, Portuguezas, que naõ nos deixaram latinas os Antigos Romanos. Nestas tenras idades, como se acha a memoria com todo o seu vigor, sendo os Alumnos os que busquem as palavras e por muytas vezes revolvãõ o Diccionario com muyta brevidade saberaõ a lingoa latina, que este Diccionario, ainda que abreviado contem com muita pureza, e erudição, e todas estas especies impressas, assim adquiridas duraraõ para sempre na memoria: até os mesmos Professores se pouparaõ ao trabalho; e por este modo adiantaraõ os seus Alumnos para os fazer entrar na carreira dos mayores estudos. Sabemos, que as Naçoens do Norte usaõ deste modo de ensinar; e como tem muytos, e excellentes Diccionarios, em pouco tempo ensinaõ a fallar bem, e a escrever em latim.

(*Diccionario abreviado*, «Prologo abreviado»)

7. *Prozodia ou Vocabulario das Lingoas Latina e Portuguesa*

Cunha Rivara julgou ter identificado no espólio da Biblioteca Pública de Évora os manuscritos que documentavam a revisão da *Prosódia*, atribuída a José Caeiro e interrompida pela expulsão dos jesuítas³⁶. Descrevendo o códice CXIII-2-26, afirma: “É provável que este seja o exemplar revisto e correcto pelo Padre Pedro Caeiro, cujas primeiras folhas se chegaram a imprimir em Évora” (Rivara, 1870: II, 9)³⁷. Avança esta hipótese, sem possibilidade de verificar se a letra que efectua correcções ao longo de boa parte dos códices seria efectivamente a do jesuíta.

Todavia, este não é o dicionário corrigido pelo P.^o José Caeiro. A identificação de manuscritos autógrafos, vindos de Itália e actualmente depositados na Torre do Tombo³⁸,

³⁶ Este manuscrito foi objecto de um estudo de João Silvestre e Ana Margarida Borges, «A escola lexicográfica de Évora: um contributo jesuíta para a Reforma Pombalina», a publicar em 2011 pela Universidade de Évora.

³⁷ Pedro, em vez de José, é um equívoco de Rivara.

³⁸ A.N.T.T., Manuscritos da Livraria, 2001-2003.

permite concluir que nenhuma das várias mãos do códice de Évora corresponde à sua letra. O códice representa por isso uma fase não noticiada de um longo processo de revisão, reescrita e reformulação da *Prosódia*.

A folha de rosto atribui ao códice uma coerência que de facto não possui:

Prozodia ou Vocabulario das Lingoas Latina e Portugueza. Composta pelo padre Dr. Bento Pereira da Companhia de Jesus. Novamente reformada, reduzida a melhor methodo, e augmentada com innumeraveis modos de fallar dos Authores Classicos, traduzidos na nossa Lingoa, e necessarios para a intelligencia da Latina.

Dividida em dois Alphetos. O primeiro contem somente as palavras rigorosamente latinas, e uzadas pelos Authores da primeira e da segunda classe, para uzo e segurança dos que pertendem fallar, e escrever com pureza a Lingoa Latina. O segundo comprehende todas as palavras latinas barbaras de que uzaram quaesquer authores que escreveram na Lingoa Latina desde o Seculo Argenteo da mesma lingoa athe o nosso.

Obra utilissima, e necessaria a todos os que versão Livros Latinos de Letras Sagradas, e profanas, Theologos, Juristas, Filosofos, Medicos e Geografos e a todos os que dezejão ser eruditos.

Offerecida ao Serenissimo Senhor D. Pedro, Infante de Portugal, pelo Collegio e Universidade de Evora.

O material reunido neste códice corresponde a várias fases de redacção e revisão iniciadas bem antes da data de edição da última *Prosódia* (1750). O organizador procurou conferir uma ordenação alfabética a todo este material, que inclui cadernos redigidos por rever, cadernos revistos com anotações marginais e linhas canceladas, e cadernos que resultam de cópias do texto revisto.

Estão presentes dois tipos de numeração: uma da mão dos respectivos redactores, que identifica as sequências de cadernos que tratam de uma determinada letra do alfabeto; uma posterior, efectuada pelo organizador do conjunto, que numerou as folhas de 1 a 1536.

O manuscrito não fornece indicações precisas que permitam identificar os redactores. Resta apenas uma anotação, apenas após a folha de rosto, e que é numerada como fólio 2. O apontamento, intitulado “cadernos trasladados”, indica apenas quatro nomes de responsáveis pela cópia final de determinadas sequências que, pela técnica lexicográfica e pelas fontes, se devem situar na primeira geração de redactores.

A identificação e distinção das diversas mãos presentes ao longo do códice revela-se uma tarefa complexa, pois consoante os textos são rascunho, cópia ou correcção, o esmero caligráfico é distinto. Não é de excluir que a mesma mão seja responsável pela primeira redacção e pela sua versão trasladada. Apenas são claramente distintas as mãos dos revisores. No total, identificam-se com alguma segurança pelo menos dez mãos.

Na folha de rosto prometem-se dois alfabetos, ou seja, uma diferenciação das palavras bárbaras. A dupla indexação seria um expediente para renovar filologicamente a nomenclatura do dicionário, sem perturbar a continuidade de uma tradição lexicográfica e didáctica de mais de um século. Todavia, tudo indica que os redactores rapidamente optaram por uma modernização definitiva da nomenclatura. No códice apenas resta um caderno de palavras bárbaras (AB-ALO) e não há indícios de que o segundo alfabeto tenha sido elaborado para todas as letras. Esta nova distinção de palavras da boa latinidade parece reproduzir a nomenclatura do *Magnum dictionarium latinum et gallicum* de Pierre Danet, que recorria estritamente aos autores clássicos latinos, especialmente aos da Idade do Ouro e da Prata. O segundo alfabeto, a julgar pelo caderno que restou, reúne o tipo de palavras que, nas edições da *Prosódia* de Bento Pereira posteriores a 1697, eram assinaladas com asterisco, sinal de que não eram “rigorosamente latinas”³⁹.

³⁹ Grande parte das entradas da *Prosódia* tinha sido marcada pelo corrector com asterisco com o intuito de advertir o consulente de que estas devem ser usadas com precaução pois ou estão destituídas de autor ou

Somente nas glosas do alfabeto segundo se encontra um aproveitamento explícito do material da *Prosodia* impressa e em uso. Depois de abandonada a intenção de fazer uma lista de palavras bárbaras, todo o texto que encontramos no manuscrito segue novas fontes.

O texto dos cadernos com datação mais antiga, estabelecida a partir da lista de cadernos trasladados, parece corresponder a uma tradução quase ao pé da letra do *Magnum dictionarium latinum et gallicum*, o último e mais elaborado de uma série de dicionários que Pierre Danet (c.1650-1709) compusera em França *ad usum Delphini*⁴⁰. Além de ser um modelo prestigiante — um dicionário pensado para a educação da nobreza — correspondia a uma lexicografia latina autorizada e documentada que Bluteau recentemente inaugurara em Portugal, e que teria, no entender dos jesuítas, condições de recepção para ser aperfeiçoada e ampliada.

Pode considerar-se que há uma nova fase a partir do momento em que os redactores passam a usar, de forma sistemática, o *Septem linguarum Calepinus* de Jacobo Facciolati (1682-1769). Trata-se de uma versão revista e ampliada do Calepino, editada em Pádua a partir de 1718, redigida em latim e particularmente abundante em citações de autores clássicos. Os redactores podiam optar por um dos dicionários como base do artigo, mas por norma ainda recorriam ao dicionário italiano para completar os artigos que tinham sido traduzidos de Danet.

Um documento, intitulado “Advertência” à letra S (fol. 1375v.), é o único testemunho do trabalho de redacção. Neste texto, o lexicógrafo pretende transmitir indicações de correcção para o revisor, revelando indirectamente informações sobre a técnica de composição. Depreende-se que existia também um guião normativo, que estabelecia um “methodo da uniformidade” para os redactores.

Há poucos elementos que auxiliem na datação das diversas fases de composição do manuscrito. Sabe-se, por exemplo, que a primeira compilação da letra M decorreu após 1750⁴¹ e que a letra S é ainda posterior, porque o lexicógrafo aplica normas de redacção que descreve como mais recentes. Tudo indica que a extensa *Prosodia* reformada de Évora estava longe da conclusão no momento em que o Pe. José Caeiro recebe a ordem de compilar, em Lisboa, uma outra versão, inequivocamente escolar, para substituir a edição de 1750.

afastam-se do uso comum: “Quae asterisco* notantur, caute usurpanda; uel enim Auctore destituuntur; uel non temere sunt aemulanda, cum a communi usu abhorreant” (*Prosodia*, 1741).

⁴⁰ *Radices seu Dictionarium linguae Latinae* (1677), *Dictionarium nouum latinum et gallicum* (1680), *Nouveau dictionnaire françois et latim* (1683).

⁴¹ No artigo *Museum* (fol. 84 r.) refere-se a construção da Capela de S. João da Igreja de São Roque, dos inícios da década de 50.